



ESPELHO QUEBRADO: O IMPACTO PSICOSSOCIAL DA CIRURGIA PLÁSTICA NA AUTOIMAGEM

Wellington Flávio Cardoso dos Santos¹, Carlos Henrique Barbosa Rozeira², Marcos Fernandes da Silva³, Arthur Ricardo Dias⁴, Dadiane Sebold de Carvalho⁵, Monique Goulart Domingues⁶, Maria Eduarda de Almeida Rangel⁷, Millena Quintanilha de Freitas Pombo⁸, Leonardo Paula Viana⁹, Monica Gomes Lirio Pimentel¹⁰, Denise Alves Pinto de Souza¹¹, Vanessa de Oliveira Ferreira Borges de Souza¹²

ARTIGO ORIGINAL

RESUMO

A temática deste artigo constitui em explorar a interseção entre cirurgia plástica, autoimagem e autoestima, destacando o impacto psicossocial desses procedimentos. Com a evolução da tecnologia e a crescente aceitação social da cirurgia plástica, as pessoas podem modificar suas aparências para alinhar-se com suas imagens corporais internas, o que pode trazer tanto benefícios quanto desafios emocionais e psicológicos. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, fundamentada em uma revisão bibliográfica que sintetiza contribuições científicas sobre o tema. O estudo enfatiza a importância da avaliação e do acompanhamento psicológico, bem como a responsabilidade dos profissionais de saúde e da família no suporte aos indivíduos que buscam esses procedimentos. O impacto psicossocial dos pacientes inclui uma série de efeitos emocionais, como a diminuição da ansiedade e da depressão em alguns casos, mas também pode aumentar a vulnerabilidade a transtornos quando os resultados não correspondem às expectativas. A cirurgia plástica pode influenciar a socialização, a autoconfiança e as relações interpessoais, mas também pode trazer à tona questões profundas de autoaceitação e identidade.

Palavras-chave: Cirurgia plástica, Autoimagem, Autoestima, Impacto psicossocial, Autoaceitação, Terapia cognitivo-comportamental, Vulnerabilidade emocional.



Broken Mirror: The Psychosocial Impact of Plastic Surgery on Self-Image

ABSTRACT

The theme of this article focuses on exploring the intersection between plastic surgery, self-image, and self-esteem, highlighting the psychosocial impact of these procedures. With the advancement of technology and the growing social acceptance of plastic surgery, individuals can alter their appearances to align with their internal body images, which can bring both emotional and psychological benefits and challenges. The research adopts a qualitative approach, based on a literature review that synthesizes scientific contributions on the topic. The study emphasizes the importance of psychological assessment and support, as well as the responsibility of healthcare professionals and families in assisting individuals undergoing these procedures. The psychosocial impact on patients includes a range of emotional effects, such as reduced anxiety and depression in some cases, but it can also increase vulnerability to disorders when outcomes do not meet expectations. Plastic surgery can influence socialization, self-confidence, and interpersonal relationships, yet it can also raise profound issues of self-acceptance and identity.

Keywords: Plastic surgery, Self-image, Self-esteem, Psychosocial impact, Self-acceptance, Cognitive behavioral therapy, Emotional vulnerability

Instituição afiliada – ¹Psicólogo, Graduando em Medicina pelo Centro Universitário Tocantinense Presidente Antônio Carlos (UNITPAC), Araguaína/TO, Brasil, wellyngtonflaviog1@hotmail.com; ²Psicólogo, Pós graduado em Psicologia Escolar e Educacional, Mestrando em Ensino pela Universidade Federal Fluminense (UFF), ariezor@hotmail.com; ³Enfermeiro, Graduando em Medicina pela Faculdade Metropolitana São Carlos (FAMESC), marco_s_silva@hotmail.com; ⁴Graduando em Medicina pela AFYA Faculdade de Ciências Médicas de Bragança (AFYA Bragança), arthur.ricardo.days@gmail.com; ⁵Nutricionista, Graduanda em Medicina pela Faculdade UNILAGOS, dadyanne@hotmail.com; ⁶Cirurgiã-Dentista, Graduanda em Medicina pela Universidade do Grande Rio Prof. José de Souza Herdy (Unigranrio-Caxias), nick.goulart@icloud.com; ⁷Graduanda em Medicina pela Faculdade Metropolitana São Carlos (FAMESC), ar.eduarda@gmail.com; ⁸Graduanda em Medicina pela Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO), millenaquintanilha@gmail.com; ⁹Enfermeiro, Graduando em Fisioterapia pela Universidade Leonardo da Vinci (Uniasselvi), leonardopviana@gmail.com; ¹⁰Enfermeira, Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem pela Universidade Salgado de Oliveira, Graduanda em Psicologia na Universidade Estácio de Sá, monicagomeslp@gmail.com; ¹¹Fonoaudióloga, graduada pela Faculdade Redentor-Itaperuna RJ, Mestre em Gestão de Cuidados da Saúde pela UNAMA- Universidade da Amazônia, denisealves.fono@hotmail.com; ¹²Graduanda em Medicina pela Faculdade Metropolitana São Carlos (FAMESC), vanessaofborges@gmail.com

Dados da publicação: Artigo recebido em 13 de Maio e publicado em 03 de Julho de 2024.

DOI: <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n7p296-316>

Autorcorrespondente: Wellington Flávio Cardoso dos Santos, wellyngtonflaviog1@hotmail.com

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





INTRODUÇÃO

"Espelho, espelho meu, existe alguém mais bonita do que eu?" Esta icônica indagação, eternizada pela bruxa na história da Branca de Neve, ressoa nos consultórios de cirurgia plástica modernos, em que a busca pela perfeição estética se entrelaça com os avanços da ciência médica.

Apenas algumas décadas atrás, as pessoas eram geralmente resignadas quanto ao corpo e à aparência com os quais nasceram, considerando a beleza como um dom da natureza. No entanto, com os avanços científicos dos últimos séculos, essas crenças foram profundamente alteradas, permitindo ao ser humano transformar a própria natureza em benefício próprio, assumindo o papel de criador do seu corpo biológico (Mélega, 2002). Hoje, a tecnologia oferece a capacidade de modificar o corpo de acordo com a imagem corporal interna, exemplificada pela cirurgia plástica de natureza estética (Sante, 2008).

Housman (1990) argumenta que a beleza é valorizada desde a infância, destacando que pessoas consideradas bonitas tendem a receber maior e melhor atenção dos outros, além de terem mais oportunidades pessoais e profissionais. Diversas pesquisas realizadas pela autora indicam que indivíduos fisicamente atraentes recebem mais atenção visual durante a infância, são mais bem avaliados pelos professores na escola, despertam maior interesse dos pretendentes em encontros amorosos, e têm mais ofertas de emprego, recebendo avaliações mais positivas e sendo creditados com mais frequência pelo sucesso em tarefas.

Essa preferência pode ser atribuída à percepção geral de que pessoas fisicamente atraentes são vistas como mais gentis, sociáveis, extrovertidas, sensíveis, fortes, modestas e sexualmente mais atraentes. Conseqüentemente, ao longo do tempo, essas considerações podem fortalecer a autoestima das pessoas consideradas atraentes, levando a uma maior socialização e ao desenvolvimento de habilidades interpessoais e assertividade (Sante, 2008).

No entanto, muitas outras pessoas enfrentam deformidades ou condições que afetam sua aparência, de forma a sofrerem de baixa autoestima e autoimagem negativa, impactando diversas áreas da vida, como a profissional, pessoal, afetiva e escolar, particularmente entre crianças e adolescentes (Honigman, Phillips, Castle,



2004). As cirurgias plásticas reparadoras surgem como uma intervenção potencial para esses casos, na tentativa de ofertar benefícios que vão além da estética, promovendo a saúde mental e o bem-estar geral dos indivíduos.

Para compreendermos a dinâmica deste estudo, alguns conceitos são relevantes de serem introduzidos, como o de autoimagem e autoestima. A autoestima reflete a percepção e valorização de si mesmo, enquanto a autoimagem é a percepção do próprio corpo. Ambos estão profundamente interligados e influenciam a saúde emocional e mental. Insatisfação com a aparência pode levar a inseguranças que impactam negativamente a autoestima e a autoimagem. Nesses casos, a cirurgia plástica pode ajudar a melhorar a aparência e elevar a autoestima.

Dessa forma, a autoimagem é um constructo complexo, formado desde a infância pela maneira como somos percebidos pelos outros e como nos percebemos. Esta percepção, influenciada por feedbacks sociais, pode resultar em uma autoimagem satisfatória ou insatisfatória, impactando diretamente a autoestima e a saúde mental. Quando a percepção negativa da própria imagem corporal leva à depreciação da própria existência, pode desencadear angústia e transtornos psicológicos, como ansiedade, depressão e distúrbios alimentares (Sarwer, Crerand, 2004).

Dados da Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética (ISAPS) destacam o Brasil como um dos líderes mundiais em cirurgias estéticas. Em 2020, foram realizados 1.929.359 procedimentos estéticos no país, dos quais 1.306.962 foram cirúrgicos, incluindo aumento de mama, lipoaspiração, abdominoplastia e cirurgia de pálpebras (MORDORINTELLIGENCE, 2024). Esses números refletem uma demanda crescente e uma aceitação social cada vez maior desses procedimentos.

Diante deste contexto, a cirurgia plástica, especialmente em suas vertentes estéticas e reconstrutivas, tem conquistado um papel que vai além das modificações da aparência física, mas proporcionando melhorias na autoimagem e na autoestima. Entretanto, além das transformações físicas, esses procedimentos têm um impacto no bem-estar psicossocial dos pacientes, uma área de crescente interesse e relevância na sociedade contemporânea (Fernandes da Silva et. al, 2024).

Neste estudo, investigamos como a imagem corporal e as técnicas de cirurgia plástica influenciam a autoestima e a saúde mental dos indivíduos. Exploramos os



motivos que levam as pessoas a buscar procedimentos estéticos, além do papel dos profissionais de saúde na avaliação e acompanhamento dos pacientes. A questão central foi compreender como esses fatores afetam a percepção pessoal do corpo e os impactos psicológicos associados às intervenções estéticas. Nossa hipótese sugere que, quando realizada com uma avaliação rigorosa e suporte psicológico adequado, a cirurgia plástica pode elevar a autoestima e promover um maior bem-estar emocional. No entanto, procedimentos realizados sem considerar profundamente as motivações individuais e a saúde mental dos pacientes podem não apenas falhar em resolver questões emocionais subjacentes, mas também exacerbá-las.

No cenário contemporâneo, a emblemática questão 'Espelho, espelho meu, existe alguém mais bonita do que eu?' ressoa como um espelho quebrado, fragmentado em diversas percepções e imagens. Esse reflexo multifacetado não apenas amplia incertezas e inseguranças, mas também intensifica as dores emocionais, desafiando a autoimagem e a autoestima dos indivíduos.

Assim, explorar os impactos psicossociais da cirurgia plástica torna-se essencial, destacando a responsabilidade crítica dos profissionais de saúde em orientar e apoiar os pacientes através dessa jornada de transformação física e emocional.

METODOLOGIA

Este estudo é uma pesquisa básica e teórica, categorizada como exploratória de natureza qualitativa, conforme as diretrizes metodológicas de Cervo, Bervian e Silva (2007). Fundamenta-se em uma revisão da literatura científica sobre os impactos psicossociais da cirurgia plástica na autoimagem.

A coleta de dados da pesquisa se deu através de dados eletrônicos dentre os quais sites de enciclopédias: Google Scholar, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scientific Electronic Library Online (Scielo) e U. S. National Library of Medicine (PubMed), utilizando descritores como "impacto psicossocial", "cirurgia plástica", "autoimagem", "autoestima" e "saúde mental". Foram selecionados artigos publicados em periódicos entre os anos de 2020 e 2024.

Foram utilizados dados adicionais para complementar os resultados e a discussão, provenientes de portais médicos e jornais de renome brasileiros.



A análise dos dados foi realizada por meio da técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), permitindo a identificação de padrões temáticos e categorias relevantes. Esta abordagem visou integrar e sintetizar o conhecimento existente, proporcionando uma compreensão abrangente e fundamentada sobre os efeitos da cirurgia plástica na autoimagem e autoestima dos indivíduos, utilizando uma abordagem fundamentada em princípios científicos e epistemológicos conforme enfatizado por Rozeira *et al.* (2023).

INFLUÊNCIA DA CIRURGIA PLÁSTICA NA AUTOPERCEPÇÃO

Mosqueira (1981) destaca a significativa influência da imagem corporal em todas as fases do desenvolvimento humano, inclusive na idade adulta. A maneira como percebemos nosso corpo, influenciada por fatores internos e externos, pode levar à insatisfação pessoal. Diante desse cenário, técnicas como a cirurgia plástica surgem como uma possibilidade para ajustar ou aprimorar a imagem percebida, visando mitigar o desconforto emocional (Ferraz; Serralta, 2007).

Com o avanço das técnicas e tecnologias, a cirurgia plástica tornou-se mais acessível e popular, especialmente os procedimentos minimamente invasivos, que prometem resultados notáveis com recuperação acelerada e menores riscos. A constante evolução tecnológica tem impulsionado essa popularidade, oferecendo novas possibilidades de redesenho do corpo e do rosto sem os cortes tradicionais, o que é atraente para muitos pacientes (Fernandes da Silva *et. al.*, 2024).

A busca por esses procedimentos nem sempre está alinhada com a aceitação corporal e uma compreensão clara das motivações subjacentes. Profissionais de saúde, como médicos e psicólogos, têm a responsabilidade de auxiliar na avaliação dos pacientes, ajudando a distinguir entre insatisfações superficiais e problemas mais profundos, que podem estar associados a transtornos psicológicos graves. Não se pode esperar que um procedimento cirúrgico resolva por si só questões emocionais ou psicológicas complexas (Sarwer, Crerand, 2004).

A interrelação entre autoimagem e autoestima no contexto da cirurgia plástica revela uma dinâmica complexa. Enquanto a autoimagem refere-se à percepção individual do próprio corpo, influenciada por fatores internos e externos, a autoestima



representa a avaliação emocional e afetiva dessa percepção. Esses conceitos se entrelaçam na medida em que as expectativas estéticas, frequentemente moldadas por padrões sociais e culturais, podem impactar significativamente a autoestima de um indivíduo.

A cirurgia plástica estética (CPE) tem sido reconhecida por sua capacidade de melhorar tanto a qualidade de vida física quanto mental dos pacientes, especialmente no que se refere à autoestima, que é fundamental para a saúde mental, definida como o senso de valor e aceitação pessoal (Spadoni-Pacheco; Carvalho, 2018).

Em muitos estudos, os pacientes buscam melhorar sua imagem para se conformar com os padrões estéticos socialmente aceitos, seja para a vida diária ou para capturar uma fotografia, refletindo uma crescente tendência de influência das mídias sociais. Esta tendência é apoiada por dados que mostram que o aumento da aceitação da cirurgia estética está correlacionado com o uso de filtros em aplicativos como YouTube, Instagram e Snapchat. Nestes contextos, a autoestima dos pacientes frequentemente depende da aparência que só é considerada adequada após alterações e edições nas fotos (Chen *et al.*, 2019).

Pesquisas indicam que a intenção de se submeter à cirurgia plástica não necessariamente resulta em maior autoestima. Pelo contrário, há uma influência do sistema sociocultural e das motivações individuais para realizar tais procedimentos. Muitas vezes, as pessoas são influenciadas externamente a considerar a cirurgia plástica como uma solução para alcançar um ideal estético imposto (Yoon; Kim, 2020).

É essencial reconhecer que a cirurgia plástica não se restringe apenas a considerações estéticas. Em muitos casos, é necessária para corrigir condições médicas ou traumas que afetam a qualidade de vida dos pacientes. Indivíduos com anomalias congênitas, sequelas de acidentes ou deformidades que causam desconforto físico e emocional, bem como dificuldades de integração social, podem encontrar na cirurgia plástica uma oportunidade de restaurar a confiança e melhorar suas interações sociais, promovendo um maior senso de bem-estar e aceitação (Souza, 2023).

O aumento no número de procedimentos estéticos cirúrgicos, especialmente aqueles que incorporam técnicas minimamente invasivas, projeta uma tendência de crescimento contínuo na demanda deste segmento (MORDORINTELLIGENCE, 2024).



Este crescimento reflete a contínua evolução das tecnologias e a crescente aceitação social dessas práticas, destacando a importância de uma abordagem equilibrada e informada para garantir resultados positivos tanto na aparência física quanto no bem-estar psicológico dos pacientes.

Ferraz e Serralta (2007) enfatizam que a busca pelo "bem-estar pessoal" é uma necessidade diária, variável conforme flutuações de humor, eventos cotidianos e mudanças naturais do corpo ao longo do tempo. Estratégias são adotadas para reconstruir a autoimagem e restabelecer o equilíbrio psicológico.

A pressão para conformar-se a padrões sociais pode resultar na perda da própria identidade visual, acarretando consequências emocionais, comportamentais, cognitivas e produtivas. Contudo, a cirurgia plástica estética surge como uma alternativa para aproximar a realidade da idealização pessoal, conforme evidenciado por estudos. A decisão por esses procedimentos muitas vezes é motivada pela angústia derivada de pressões internas e externas (Fernandes da Silva et. al, 2024).

A marcante pergunta "Espelho, espelho meu, existe alguém mais bonita do que eu?" não apenas simboliza a busca pela beleza exterior, mas também reflete a complexa interseção entre autoimagem, autoestima e saúde mental. À medida que a cirurgia plástica continua a evoluir, é fundamental que tanto os profissionais de saúde quanto os pacientes compreendam plenamente os impactos psicossociais desses procedimentos, promovendo uma abordagem equilibrada e holística para a transformação da autoimagem.

De acordo com Abreu et al. (2017), os impactos psicossociais estão relacionados à autoexclusão, ao sofrimento psíquico, à falta de autonomia e de planos futuros e aos sentimentos de abandono.

O termo "psicossocial" refere-se à interação complexa entre fatores psicológicos e sociais que influenciam o comportamento humano, as emoções e o bem-estar. Esta abordagem considera tanto os aspectos psicológicos individuais, como emoções, pensamentos e percepções, quanto os fatores sociais, como relações interpessoais, ambiente familiar, cultural e comunitário (Fernandes da Silva et. al, 2024).

No contexto da saúde, a análise psicossocial é importante para compreender



como diferentes aspectos da vida se entrelaçam para afetar sua saúde mental e física. Por exemplo, na cirurgia plástica, a avaliação psicossocial pode ajudar a entender não apenas as motivações individuais para buscar procedimentos estéticos, mas também o impacto potencial desses procedimentos na autoimagem, autoestima e nas interações sociais do paciente.

Além disso, a perspectiva psicossocial considera como fatores sociais, como normas culturais de beleza e padrões estéticos, influenciam a percepção individual da aparência e a decisão de submeter-se a intervenções cirúrgicas. Portanto, uma abordagem psicossocial holística busca integrar esses aspectos para promover uma compreensão mais completa do indivíduo e facilitar intervenções que promovam tanto o bem-estar físico quanto emocional.

Um exemplo no contexto social e cultural é o aumento frequente da procura por cirurgia estética entre mulheres em comparação aos homens, o que reflete uma realidade em que as pressões sociais sobre a aparência são mais pronunciadas para o público feminino. Estas pressões são impulsionadas pelos padrões estéticos predominantes na sociedade, que muitas vezes exigem uma conformidade rigorosa e podem criar um ambiente propício para a experiência de vergonha corporal, ansiedade e até mesmo distúrbios alimentares (Sante, 2008).

A prevalência de cirurgias estéticas entre as mulheres também pode estar relacionada a um ciclo de insatisfação corporal reforçado por normas culturais amplamente difundidas. A percepção de que a autoaceitação está intrinsecamente ligada à conformidade com esses padrões estéticos pode levar algumas mulheres a recorrerem repetidamente a procedimentos cirúrgicos na busca incessante por uma imagem corporal idealizada (Sante, 2008).

Além disso, o fenômeno do vício em cirurgias estéticas, embora menos comum, não é incomum entre as mulheres que experimentam uma busca contínua por intervenções cirúrgicas como uma solução para resolver inadequações percebidas em sua aparência. Esse comportamento pode ser exacerbado pela percepção de que as modificações físicas proporcionarão uma melhora na autoestima e na aceitação social (Sante, 2008).

Para Cammarota (2023), entre as cirurgias plásticas, a cirurgia de reconstrução



mamária, por exemplo, representa mais do que simplesmente uma intervenção estética; é uma ferramenta essencial na jornada de recuperação emocional e psicológica para mulheres que enfrentaram o câncer de mama. Após uma mastectomia, muitas enfrentam desafios em relação à autoimagem e autoestima. A reconstrução mamária não apenas restaura fisicamente a forma e o volume dos seios, mas também desempenha um papel na restauração da confiança e no alívio de sentimentos de perda e ansiedade. Ao promover uma maior aceitação do corpo e uma sensação de normalidade, essa cirurgia não só ajuda as mulheres a se sentirem mais confortáveis consigo mesmas, mas também fortalece suas relações interpessoais e a sua autoconfiança, proporcionando uma recuperação mais completa e satisfatória.

Portanto, é essencial entender que a prevalência das cirurgias entre as mulheres não é apenas um reflexo da busca por melhorias físicas, mas também uma resposta complexa às expectativas sociais e culturais que moldam as percepções individuais de beleza e autovalorização.

De acordo com Pitanguy (1992), a cirurgia plástica estética (CPE) teria a função de propor uma harmonização do corpo com o psiquismo, visando estabelecer um equilíbrio interno que permita ao indivíduo reestruturar-se e reencontrar-se consigo mesmo. Segundo o autor, esse processo contribui para que a pessoa se sinta em harmonia tanto com sua própria imagem quanto com o ambiente ao seu redor.

Contudo, quando uma pessoa começa a considerar os procedimentos de CPE como sua única fonte de felicidade, há uma tendência de diminuir outras alternativas de cuidado corporal e satisfação psíquica, transformando uma motivação potencialmente saudável em algo patológico. Isso pode levar ao desenvolvimento de transtornos da imagem corporal, frequentemente associados a distúrbios alimentares como anorexia ou bulimia nervosa, e transtornos relacionados ao peso, como a obesidade.

Um transtorno específico da imagem corporal, reconhecido pela Classificação Internacional de Doenças (CID-11) da Organização Mundial da Saúde, é o Transtorno Dismórfico Corporal (TDC), também conhecido como dismorfofobia ou dismorfia corporal. Esse transtorno é caracterizado por uma percepção distorcida do próprio corpo, onde um pequeno defeito (real ou imaginário) torna-se o foco de atenção e



infelicidade, afetando diversas áreas da vida da pessoa (Castle; Honigman; Phillips, 2002). Indivíduos com TDC frequentemente procuram múltiplos cirurgiões plásticos na tentativa de corrigir seus supostos defeitos, muitas vezes passando de consultório em consultório devido à recusa de profissionais éticos.

Alicia Douvall, ex-modelo, revelou ter gasto mais de US\$ 1,5 milhão em tratamentos estéticos e foi diagnosticada com TDC, destacando como a obsessão pela perfeição pode levar a sérios problemas de saúde mental (Jolly, 2015).

Pessoas com TDC muitas vezes têm medo de buscar ajuda psicológica, temendo serem vistas como vaidosas. No entanto, o tratamento precoce é importante, envolvendo uma combinação de medicamentos e terapia cognitivo-comportamental.

Segundo Jolly (2015), a insatisfação com a própria aparência pode levar indivíduos com TDC a buscarem cirurgias plásticas na tentativa de corrigir suas imperfeições percebidas, mas menos de 10% dos pacientes ficam satisfeitos com os resultados, frequentemente transferindo sua insatisfação para outra parte do corpo.

Aproximadamente 15% das pessoas que procuram cirurgia plástica têm TDC, mas o diagnóstico pode ser complicado para os cirurgiões, que muitas vezes não são especialistas em identificar o transtorno. Ferramentas diagnósticas, como questionários específicos, estão sendo desenvolvidas para ajudar cirurgiões a identificar sintomas de TDC e explorar as expectativas dos pacientes (Jolly, 2015).

A crescente popularidade das selfies e a pressão midiática pela perfeição também contribuem para a insatisfação com a aparência, especialmente entre jovens de 16 a 25 anos, que gastam uma média de 16 minutos e sete tentativas para tirar a "selfie perfeita". Contudo, especialistas argumentam que a insatisfação corporal e o TDC têm raízes mais profundas, frequentemente relacionadas a experiências de infância, como bullying e relações familiares distantes (Jolly, 2015).

A educação midiática nas escolas pode ser uma medida preventiva eficaz, ensinando crianças a reconhecer que imagens retocadas não são reais e a resistir às pressões externas. É essencial que cirurgiões plásticos estejam cientes do TDC e encaminhem pacientes para tratamento adequado antes de considerar qualquer procedimento estético (Jolly, 2015).

Pessoas insatisfeitas com seus corpos, quando encontram um cirurgião



disposto a realizar a cirurgia idealizada, a insatisfação frequentemente persiste, perpetuando um ciclo vicioso de busca por novos procedimentos. Isso pode resultar em uma obsessão por transformações corporais, onde a satisfação desejada nunca é alcançada, levando a constantes intervenções com possíveis resultados adversos, tanto físicos quanto emocionais (Sante, 2008).

Diante desse contexto, o cirurgião plástico deve compreender e orientar seu paciente com cautela. É necessário que o profissional explique de forma clara e detalhada os riscos inerentes aos procedimentos médicos e ao pós-operatório, bem como as reais possibilidades de resultados da cirurgia plástica estética (CPE), para reduzir expectativas irreais. Além disso, deve avaliar o indivíduo de maneira holística, propondo mudanças que promovam uma maior harmonia na aparência física. Essa abordagem é vital, pois o cirurgião plástico deveria ser o especialista com o melhor preparo técnico e a visão abrangente da anatomia funcional e estética (Pitanguy, 1992).

É relevante frisar que o comportamento dos pacientes destaca a necessidade de uma abordagem cuidadosa e ética por parte dos profissionais de saúde, que devem avaliar minuciosamente a motivação dos pacientes e sua saúde mental antes de realizar qualquer procedimento cirúrgico. Além disso, o acompanhamento psicológico é necessário para ajudar os pacientes a desenvolverem uma autoimagem saudável e realista, evitando o desenvolvimento de transtornos mais graves.

A cirurgia plástica, especialmente a estética, aborda problemas psicossociais dos pacientes em uma escala considerável, possivelmente com maior intensidade do que outros ramos médico-cirúrgicos, que geralmente focam na dicotomia vida-morte ou saúde-doença. Diferentemente desses campos, a atuação e o foco principal da CPE são o alcance de uma aparência harmoniosa (Sante, 2008).

No entanto, é essencial abordar as expectativas dos pacientes de maneira realista. A busca pela perfeição estética pode, por vezes, mascarar questões emocionais e psicológicas mais profundas que não podem ser resolvidas apenas com intervenções cirúrgicas. Por isso, a avaliação psicológica pré-operatória desempenha um papel vital, ajudando a identificar casos em que a cirurgia plástica pode ser benéfica e aqueles em que pode ser necessário um acompanhamento psicológico



adicional (Sarwer; Crerand, 2004).

Além disso, o apoio contínuo pós-operatório é essencial para garantir que os pacientes estejam satisfeitos com os resultados e não desenvolvam dependência de procedimentos estéticos para manter sua autoestima. A cirurgia plástica deve ser vista como uma ferramenta para melhorar a qualidade de vida, e não como a única solução para problemas de autoimagem (Souza, 2023).

O período pós-operatório, caracterizado por inchaços, hematomas e ajustes na percepção corporal, exige um processo de adaptação. Apesar dos desafios físicos, aqueles que optam pelos procedimentos, frequentemente relatam que a dor emocional causada pela insatisfação anterior é mais intensa do que qualquer desconforto físico pós-cirúrgico. A satisfação com os resultados, após a adaptação necessária, sublinha a importância do suporte psicológico nesse contexto, reconhecendo a estreita ligação entre mente e corpo (Ferraz; Serralta, 2007).

Antes de submeter-se a procedimentos cirúrgicos estéticos, é necessário preparar-se física e emocionalmente para as mudanças que acompanham a transformação do corpo. A preparação física não se limita apenas à avaliação da condição física atual do paciente, mas também engloba o fortalecimento da saúde emocional, uma vez que as expectativas em relação aos resultados podem influenciar significativamente a experiência do tratamento escolhido.

É essencial reconhecer que nem todos os pacientes estão aptos para procedimentos cirúrgicos, pois a saúde física e mental deve estar em equilíbrio para garantir segurança e sucesso no tratamento. Além disso, é crucial que as expectativas estejam alinhadas com a realidade, evitando procedimentos motivados por pressões externas em vez de necessidades pessoais genuínas.

No contexto da preparação psicológica, a escolha do profissional adequado desempenha um papel fundamental. Optar por um médico competente e de confiança proporciona maior segurança e tranquilidade durante todo o processo cirúrgico. Realizar consultas de avaliação detalhadas, completar exames médicos necessários e esclarecer todas as dúvidas são passos cruciais para garantir que o paciente esteja

Além das vantagens estéticas, é importante considerar os impactos positivos na saúde geral. Procedimentos como a mamoplastia de redução não apenas melhoram a



estética, mas também aliviam dores lombares e no pescoço ao remover o excesso de tecido mamário, proporcionando uma melhor qualidade de vida e reduzindo a sobrecarga na coluna.

Ademais, muitos procedimentos oferecem resultados visíveis e duradouros. Por exemplo, enquanto dietas e exercícios podem não ser suficientes para eliminar depósitos de gordura localizados, a lipoaspiração pode ser uma solução eficaz para modelar os contornos corporais de forma permanente, desde que acompanhada por uma rotina saudável de alimentação e atividade física.

Em termos de conforto durante o processo, avanços tecnológicos na área permitem que a maioria dos procedimentos seja realizada com mínimo desconforto e recuperação relativamente tranquila. Isso contribui para que os pacientes enfrentem o pós-operatório com menos dor e mais conforto, utilizando analgésicos simples conforme necessário (Fernandes da Silva et. al, 2024).

RESULTADOS E REFLEXÕES

O impacto psicossocial da cirurgia plástica abrange uma ampla gama de efeitos emocionais e comportamentais. Diversos estudos indicam que, em muitos casos, os procedimentos estéticos estão associados à redução de sintomas de ansiedade e depressão (Sarwer, et al., 2004). Isso se deve à melhora na autoimagem, que alinha a aparência física mais de perto com o ideal do paciente, resultando em maior autoestima e autoconfiança.

Contudo, a cirurgia plástica também pode aumentar a vulnerabilidade a transtornos psicológicos, especialmente quando os resultados não correspondem às expectativas iniciais (Honigman, Phillips, & Castle, 2004). Expectativas irreais e a subsequente insatisfação com os resultados podem levar à frustração, ansiedade e depressão. Além disso, há o risco de desenvolvimento de transtornos dismórficos corporais, nos quais a preocupação obsessiva com defeitos imaginários ou mínimos na aparência pode piorar a saúde mental (American Psychiatric Association, 2013).

No âmbito social, a cirurgia plástica pode influenciar a socialização, a autoconfiança e as relações interpessoais. Indivíduos que obtêm resultados satisfatórios frequentemente exibem maior confiança em sua aparência, o que pode



facilitar a participação em atividades sociais e a construção de relacionamentos interpessoais mais saudáveis (Fisher, 2008). No entanto, essa transformação física pode também gerar conflitos internos relacionados à autoaceitação e identidade, pois a nova aparência pode não corresponder à percepção interna de identidade do indivíduo.

A revisão da literatura sugere que a integração de uma nova autoimagem com uma percepção de identidade coerente pode ser um processo complexo, frequentemente exigindo suporte psicológico contínuo (Sarwer; Crerand, 2004). Este suporte tende a ajudar os indivíduos a reconciliar sua nova aparência com uma autoimagem saudável e realista, mitigando possíveis impactos negativos na saúde mental.

Ao longo do texto, foram apresentados indícios que destacam a complexidade dos impactos psicossociais da cirurgia plástica, englobando uma variedade de efeitos, tanto positivos quanto negativos.

Um dos impactos positivos mais notáveis da cirurgia plástica é a melhoria da autoimagem. Muitos pacientes relatam uma percepção mais positiva de suas características físicas após a cirurgia. Por exemplo, pessoas que passam por uma rinoplastia frequentemente se sentem mais confiantes sobre seus perfis faciais. Essa nova confiança pode reduzir a ansiedade social e melhorar as interações interpessoais, resultando em um aumento geral na qualidade de vida. Além disso, procedimentos estéticos podem ajudar os indivíduos a se sentirem mais atraentes e satisfeitos com sua aparência. Mulheres que realizam mamoplastia de aumento, por exemplo, muitas vezes experimentam um aumento significativo na autoestima. Essa autoestima elevada pode contribuir para um melhor desempenho em áreas profissionais e pessoais, promovendo um maior bem-estar geral.

Por outro lado, os impactos negativos da cirurgia plástica também são visíveis. Um dos principais problemas é a criação de expectativas irrealistas. Pacientes que esperam transformações perfeitas podem continuar insatisfeitos mesmo após múltiplas cirurgias. Por exemplo, um indivíduo que busca constantemente melhorar sua aparência pode nunca estar satisfeito com os resultados, o que pode levar a transtornos psicológicos, como a dismorfia corporal. Este transtorno é caracterizado



por uma obsessão com defeitos físicos percebidos e pode ser debilitante. A terapia cognitivo-comportamental (TCC) pode ser uma abordagem eficaz para ajudar a reestruturar pensamentos disfuncionais sobre a aparência.

Outra consequência negativa é a dependência de procedimentos estéticos. Algumas pessoas desenvolvem um comportamento compulsivo, buscando constantemente novas cirurgias plásticas. Indivíduos que passam por múltiplos procedimentos em busca de uma aparência ideal podem aumentar os riscos de complicações médicas e impactos psicológicos negativos. Intervenções psicoterapêuticas, como TCC e terapia de aceitação e compromisso (ACT), podem ser cruciais para abordar essa compulsão. Além disso, complicações pós-operatórias ou resultados insatisfatórios podem levar a problemas de saúde mental, como ansiedade e depressão. Pacientes que desenvolvem cicatrizes indesejadas ou que não obtêm os resultados esperados podem sentir um impacto negativo em sua saúde emocional. Essas condições podem afetar negativamente a qualidade de vida e exigir intervenções médicas e psicológicas.

Um estudo desenvolvido pelo Centro Médico da Universidade Vanderbilt, em Tennessee, nos EUA, e publicado no periódico "Annals of Plastic Surgery", revelou que mulheres com implantes de silicone nos seios têm quase três vezes mais chance de se suicidar do que aquelas que não passaram pelo procedimento. A pesquisa analisou os certificados de óbito de 3.527 mulheres suecas que realizaram a cirurgia entre 1965 e 1993, identificando causas de morte e suas correlações (O GLOBO, 2015).

Os resultados mostraram que, embora apenas 24 dessas mulheres tenham cometido suicídio após uma média de 19 anos da realização do implante, essa taxa é três vezes maior do que a média observada na população geral. Um dos autores do estudo sugere que os cirurgiões plásticos devem monitorar seus pacientes com mais atenção e considerar encaminhá-los para grupos de risco de suicídio. Foi observado que o aumento no risco de suicídio só se torna evidente cerca de dez anos após a realização do implante (O GLOBO, 2015).

A pesquisa indica que algumas mulheres que se submetem a esses procedimentos podem ter problemas psiquiátricos preexistentes, possivelmente relacionados a uma baixa autoestima ou distúrbios de imagem corporal. De acordo



com um dos pesquisadores, a verdadeira dimensão desse problema é difícil de medir, pois não é possível identificar a proporção exata de mulheres com desordens psiquiátricas (O GLOBO, 2015).

Além do risco de suicídio, o estudo também revelou que mulheres com implantes nos seios têm três vezes mais chances de morrer devido ao uso de drogas e álcool. Foi constatado que pelo menos 38 mortes (22% do total) estavam associadas a suicídio, transtornos psicológicos ou abuso/dependência de drogas e álcool (O GLOBO, 2015).

Curiosamente, o levantamento não apontou um aumento no risco de morte por câncer, incluindo o de mama. No entanto, as mulheres com implantes apresentaram maior probabilidade de morrer de câncer de pulmão e doenças respiratórias, como enfisema, possivelmente devido a uma maior prevalência de tabagismo entre elas (O GLOBO, 2015).

Um dos aspectos mais preocupantes revelados pelo estudo é que o aumento no risco de suicídio só se torna evidente cerca de dez anos após a realização do implante. Isso pode indicar que os problemas psicológicos subjacentes, possivelmente relacionados a uma baixa autoestima ou distúrbios de imagem corporal, não são imediatamente aparentes e podem se agravar com o tempo. Cirurgiões plásticos e profissionais de saúde mental devem estar atentos a esses riscos e considerar o acompanhamento psicológico contínuo para pacientes que passaram por esses procedimentos.

Enquanto a cirurgia plástica pode oferecer melhorias significativas na autoimagem e autoestima, os impactos psicossociais a longo prazo não devem ser negligenciados. Estudos como vimos acima sublinham a necessidade de uma abordagem integrada e cuidadosa, visando promover um bem-estar holístico e equilibrado para os pacientes. Veremos a seguir outra pesquisa que versa também com nossa temática.

Em seus estudos sobre tanatologia, Evaldo D'Assumpção apresentou o conceito de suicídio endógeno para descrever mortes ocorridas durante ou após cirurgias plásticas, atribuídas a um possível bloqueio do sistema imunológico por pacientes em estados de depressão ou desesperança. Este conceito ressalta a importância de uma



compreensão mais ampla das motivações e estados emocionais dos pacientes que buscam esses procedimentos (D'Assumpção, 2006).

A tanatologia, surgida na década de 1960 nos Estados Unidos, se expandiu com a biotanatologia, que analisa a vida pela perspectiva da morte. Utilizando esses conhecimentos, D'Assumpção (2006) observou que pacientes com histórico de depressão profunda ou desesperança, mesmo ao buscar melhorias estéticas, muitas vezes relatavam uma falta de vontade de viver. Esses pacientes podem apresentar comportamentos auto-lesivos não conscientes, resultando em óbitos durante ou logo após procedimentos cirúrgicos, como cirurgias plásticas.

Revisando a literatura, D'Assumpção (2006) encontrou diversas pesquisas que apontam para a importância da consciência na mobilização dos sistemas defensivos do corpo. Estudos demonstram que a depressão e a desesperança estão fortemente relacionadas com a depressão do sistema imunológico e, conseqüentemente, com a mortalidade. A física quântica também sugere que a mente humana pode interferir significativamente na estrutura física, o que reforça a ideia de que pensamentos e sentimentos podem impactar a saúde física de maneira substancial.

Um caso ilustrativo relatado envolve uma jovem que, após uma pequena lipoaspiração abdominal, apresentou deterioração clínica inexplicável e faleceu apesar de todos os exames estarem normais. A paciente havia perdido recentemente um irmão e expressado uma profunda falta de vontade de viver. Esse exemplo destaca como estados emocionais profundos podem influenciar negativamente a recuperação pós-cirúrgica, levando à morte de forma que pode ser entendida como suicídio endógeno (D'Assumpção, 2006).

Para prevenir tais ocorrências, D'Assumpção (2006) defende a necessidade de uma anamnese rigorosa que investigue a vida emocional e psicológica dos pacientes antes de qualquer cirurgia plástica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cirurgia plástica tem se tornado uma escolha frequente para aqueles que desejam melhorar sua aparência física. No entanto, é importante lembrar que a saúde mental deve sempre ser priorizada. A cirurgia plástica envolve procedimentos estéticos



invasivos que visam melhorar a aparência física e corrigir patologias e condições. Embora muitas vezes associada à busca por beleza e juventude, seus benefícios vão além da estética.

A autoestima e a saúde mental estão intimamente ligadas, e a decisão de realizar um procedimento de cirurgia plástica envolve diversos fatores pessoais e emocionais. Os motivos para optar pela cirurgia plástica são variados, incluindo insatisfação com alguma parte do corpo, questões de saúde e desejo de aperfeiçoar algum aspecto da aparência. Segundo a Organização Mundial da Saúde, saúde é um "estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doença". Para muitas pessoas, a cirurgia plástica pode ser uma questão de saúde, melhorando a autoestima, a confiança e o bem-estar emocional. Em casos de deformidades físicas, como deformidades nasais, hipertrofias mamárias ou diástases, a cirurgia plástica pode ser justificada e necessária.

No entanto, a decisão de fazer uma cirurgia plástica deve ser tomada para melhorar a própria autoimagem e não para agradar a terceiros. Complexos de longa data podem afetar a autoestima, relações interpessoais e até a vida íntima. A cirurgia plástica pode ajudar, mas não deve ser vista como a solução para todos os problemas emocionais ou de saúde mental. Muitas vezes, é necessário acompanhamento psicológico para alcançar uma autoimagem corporal positiva, com a cirurgia plástica sendo apenas um complemento.

A necessidade de alterar a aparência física por meio de cirurgias plásticas de forma repetitiva ou repentina, aliada a comportamentos específicos como constante insatisfação com a imagem, pode indicar problemas de saúde mental. Pessoas com ansiedade ou depressão leve devem ponderar se estão psicologicamente aptas para enfrentar um procedimento cirúrgico, em conjunto com um médico ou psicólogo. Casos mais graves de depressão ou transtorno de personalidade não são indicados para cirurgia plástica. A motivação para realizar a cirurgia deve ser compreendida e avaliada cuidadosamente, considerando questões como a real necessidade de cirurgia plástica, o procedimento mais indicado, o processo de recuperação e as expectativas realistas dos resultados.

Qualquer pessoa que deseja realizar uma cirurgia plástica deve se preparar



psicologicamente para lidar com as mudanças estéticas. Apesar de ser um procedimento seguro e com recuperação relativamente rápida, há uma grande diferença entre uma intervenção estética menor e uma cirurgia plástica. Indivíduos com expectativas excessivamente altas ou perfeccionistas não são candidatos ideais, pois podem nunca ficar satisfeitos com os resultados. É fundamental ter uma consciência clara de si mesmo e não buscar a cirurgia plástica para se assemelhar a outra pessoa, mas para realçar o que há de melhor em si.

O acompanhamento psicológico, tanto antes quanto depois da cirurgia plástica, é tão importante quanto os exames físicos. Aqueles que optam por se submeter a uma cirurgia plástica precisam do apoio de familiares e amigos. Esse suporte torna o processo mais fácil e compreensível, contribuindo para um resultado mais satisfatório e saudável. Embora os especialistas ressaltem que as cirurgias estéticas podem trazer benefícios para a autoestima, é fundamental que a cirurgia plástica não seja banalizada. Cada paciente deve passar por uma avaliação rigorosa para assegurar que a queixa apresentada é condizente com a realidade, que as expectativas estão alinhadas com o possível e dentro dos limites de segurança. A decisão de realizar uma cirurgia plástica deve ser tomada de forma consciente, ponderada e com um acompanhamento psicológico adequado, quando necessário. Assim, a cirurgia plástica pode cumprir seu papel de promover bem-estar e satisfação, sem negligenciar a saúde mental e emocional dos pacientes.

REFERÊNCIAS

ABREU, T. A. de; FERNANDES-ELOI, J.; SOUSA, A. M. B. D. Reflexões acerca dos Impactos Psicossociais da Institucionalização de Idosos no Brasil. **Revista Kairós-Gerontologia**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 333–352, 2017. DOI: 10.23925/2176-901X.2017v20i2p333-352. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/2176-901X.2017v20i2p333-352>.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2011.

CAMMAROTA, Marcela. **Em paz com o espelho: a cirurgia plástica ajuda a recuperar a autoimagem das mulheres após o câncer**. 2023. Disponível em: <https://www.marcelacammarota.com.br/post/em-paz-com-o-espelho-a-cirurgia-plastica-ajuda-a-recuperar-a-autoimagem-das-mulheres-apos-o-cancer>.

CASTLE, D.J.; HONIGMAN, R.J.; PHILLIPS, K.A. Does Cosmetic Surgery improve psychosocial wellbeing?. *Clinical Update. The Medical Journal of Australia*, n. 176, p. 601-604, 2002.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6 ed. São Paulo, SP: Pearson Prentice Hall, 2007.

FERNANDES DA SILVA, M.; ARAÚJO, S. de O. S.; ROZEIRA, C. H. B.; MATOS, A. A. L. de; ROZEIRA, C. F. B.; FERREIRA, E. O.; SOUSA, C. R. de; PARENTE, S. B. M.; GOMES, M. da C. S. A.; PEREIRA, I. de F.; GENTIL, I.



B. dos S.; MARTINS, K. F. Avanços em Cirurgia Plástica Minimamente Invasiva: Benefícios, Complicações e Comparação com Abordagens Tradicionais. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, [S. l.], v. 6, n. 3, p. 2422–2442, 2024. DOI: 10.36557/2674-8169.2024v6n3p2422-2442. Disponível em: <https://bjih.emnuvens.com.br/bjih/article/view/1767>.

FERRAZ, Sabrina Borges; SERRALTA, Fernanda Barcellos. O impacto da cirurgia plástica na autoestima. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 73-88, dez. 2007.

HONIGMAN, R. J.; PHILLIPS, K. A.; CASTLE, D. J. A Review of Psychosocial Outcomes for Patients Seeking Cosmetic Surgery. **Plastic and Reconstructive Surgery**, v. 113, n. 4, p. 1229-1237, 2004. DOI: 10.1097/01.PRS.0000110214.88868.CA.

HOUSMAN, S. B. Psychosocial Aspects os Plastic Surgery. In: McCARTHY, J. G. (ed.). **Plastic Surgery: General Principles**. Philadelphia: W. B. Saunders Company, 1990, Vol. 1, Capítulo 3, p. 113-138.

JOLLY, Susanna. **Obsessão por aparência "perfeita" pode levar a suicídio**. Terra, 2015. Disponível em: <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/autocuidado/o-pesadelo-de-quem-vive-obcecado-com-a-propria-aparencia,181d2bd1fc33e543a4cefc3a7c9796b2a5sRCRD.html>.

MÉLEGA, M. P. **Aspectos Psicológicos do Paciente em Cirurgia Plástica**. In: MÉLEGA, J. M. (Ed.). **Cirurgia Plástica - Fundamentos e Arte: Princípios Gerais**. Rio de Janeiro: Medsi, 2002. Capítulo 22, p. 221-227.

PITANGUY, I. **Aspectos filosóficos e psicossociais da cirurgia plástica**. In: MELLO-FILHO, J. (org.). **Psicossomática Hoje**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1992. Cap. 25, p. 264- 272.

PRUZINSKY, T.; EDGERTON, M. T. **Body Image: Development, Deviance, and Change**. New York: The Guilford Press, 1990.

RISCO de suicídio é três vezes mais alto em mulheres com próteses nos seios, diz estudo. **O GLOBO**, 2015. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/risco-de-suicidio-tres-vezes-mais-alto-em-mulheres-com-proteses-nos-seios-diz-estudo-17101905>.

ROZEIRA, C. H. B.; ROZEIRA, C. F. B.; SILVA, M. F. da. **Trama Epistemológica: Entretecendo o Conhecimento Científico**. Portal Zenodo, 2023. Disponível em <https://doi.org/10.5281/zenodo.10002060>

SANTE, Ana Beatriz. **Auto-imagem e características de personalidade na busca de Cirurgia Plástica Estética**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Departamento de Psicologia e Educação, FFCLRP-USP, Ribeirão Preto, SP, 2008. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-22122008-165526/publico/ABS.pdf>>.

SARWER, D. B.; CRERAND, C. E. Body Image and Cosmetic Medical Treatments. **Body Image**, v. 1, n. 1, p. 99-111, 2004. DOI: 10.1016/j.bodyim.2007.09.007.

SOUZA, Renata. Cirurgias reparadoras e autoimagem: Entenda relação com saúde mental. **CNN Brasil**, 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/cirurgias-reparadoras-e-autoimagem-entenda-relacao-com-saude-mental/>. Acesso em: 29 jun. 2024.

TAMANHO do mercado de dispositivos de cirurgia minimamente invasiva do Brasil e análise de participação – Tendências e previsões de crescimento (2024 – 2029), **Portal MORDORINTELLIGENCE**, 2024. Disponível em: <<https://www.mordorintelligence.com/pt/industry-reports/brazil-minimally-invasive-surgery-devices-market>>.

VON SOEST, T.; KVALEM, I. L.; ROALD, H. E.; SKOLLEBORG, K. C. The Effects of Cosmetic Surgery on Body Image, Self-Esteem, and Psychological Problems. **Journal of Plastic, Reconstructive & Aesthetic Surgery**, v. 62, n. 10, p. 1238-1244, 2009. DOI: 10.1016/j.bjps.2008.03.002.